

Encontros com mulheres em situação de vulnerabilidade social: relato de experiência em extensão

Stella Gontijo Sant'Anna Vaz de Melo Dorneles¹, Bruna Antunes de Miranda Pires², Eduarda de Oliveira Teixeira², Isabela Mie Takeshita³, Monica das Graças Azevedo⁴

Resumo: *O presente artigo visa apresentar os resultados do projeto de extensão nomeado "Ser Mulher" desenvolvido em Faculdade Privada de Medicina. As atividades foram desenvolvidas no segundo semestre de 2022, com três encontros presenciais prévios à extensão para discussão da temática e organização das atividades extensionistas. Em sequência foram realizados três encontros em Instituição Não Governamental que recebe mulheres em situação de vulnerabilidade. Os temas abordados pelo projeto envolveram além da questão do que é ser mulher, mas principalmente a violência de gênero e a pobreza menstrual.*

Palavras-chave: *Pobreza menstrual. Violência contra a mulher. Programas e políticas de vulnerabilidade social.*

Área Temática: *Saúde.*

Meetings of the Ser Mulher Extension Project with socially vulnerable women: an experience report

Abstract: *This article aims to present the results of the extension project named "Ser Mulher" (To be a woman) developed at a Private Medical University. The activities were developed in the second half of 2022, with three face-to-face meetings prior to the extension to discuss the theme and organize the extension activities. In sequence, three meetings were held at a Non-governmental organization, which receives women in vulnerable situations. The themes addressed by the project involved not only the question of what it is to be a woman, but mainly gender violence and menstrual poverty.*

Keywords: *Menstrual poverty. Violence against women. Social vulnerability programs and policies.*

Encuentros del Proyecto de Extensión Ser Mulher con mujeres en situación de vulnerabilidad social: relato de experiencia

Resumen: *Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados del proyecto de extensión denominado "Ser Mulher" (Ser mujer) desarrollado en una Universidad Privada de Medicina. Las actividades se desarrollaron en el segundo semestre de 2022, con tres encuentros presenciales previos a la prórroga para discutir el tema y organizar las actividades de extensión. En secuencia, se realizaron tres encuentros en una Institución no gubernamental, que recibe a mujeres en situación de vulnerabilidad. Los temas abordados por el proyecto involucraron más allá de la cuestión de qué es ser mujer, sino principalmente la violencia de género y la pobreza menstrual.*

Palabras clave: *Pobreza menstrual. La violencia contra las mujeres. Programas y políticas de vulnerabilidad social.*

¹ Discente de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais - Belo Horizonte, MG. E-mail: stelladorneles@gmail.com.

² Discente de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais - Belo Horizonte, MG.

³ Mestre em Enfermagem. Docente da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais - Belo Horizonte, MG.

⁴ Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento local. Enfermeira, Docente da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais - Belo Horizonte, MG.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher tem se tornado uma problemática crescente devido ao seu caráter multidimensional, sendo reconhecida como uma prática complexa baseada na relação desigual entre homens e mulheres e seus desdobramentos (BARUFALDI *et al.*, 2017). Essa é uma forma de violência que envolve também aspectos sociais, psíquicos e culturais, o que faz com que ela seja interpretada além do âmbito jurídico, visto que ultrapassa o processo saúde-doença demarcado pelo modelo biomédico (CORTES *et al.*, 2015). Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece as violências de gênero como um grave problema mundial e de saúde pública. Estima-se que 10 a 50% das mulheres já tenham sofrido violência física em algum momento de suas vidas, sendo os parceiros íntimos os principais agressores e os lares cenários os comuns dessas práticas (TROSINI *et al.*, 2018).

Vale abordar que a violência contra a mulher não é apenas física, podendo ser também emocional, sexual ou institucional. São exemplos desse tipo de violência, respectivamente: (a) arranhões, socos e ferimentos; (b) provocação de medo e humilhações; (c) gestos sexuais, toques não consensuais e estupro; e (d) negar atendimento à mulher vítima de violência (SOUSA *et al.*, 2022; MOREIRA *et al.*, 2020).

Em relação aos aspectos sociais, as desigualdades e as injustiças, resultantes desse processo, ocorrem pela constante assimetria das relações sociais. Ainda, com o declínio dos sistemas de proteção social, a vulnerabilidade social surge à tona. Em consequência disso, há o reforço de uma fragilidade das mulheres em qualquer situação de relação social, corroborando na criação de uma zona de instabilidade entre a possibilidade reconhecida da mulher de se integrar na sociedade ou de se tornar excluída (BOFF *et al.*, 2021).

Dentro dessa problemática, a pobreza menstrual revela uma situação de vulnerabilidade social e econômica vivenciada por cerca de 12% das meninas ao redor do mundo segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). De acordo com o levantamento, esse grupo não possui acesso adequado a saneamento básico, banheiros e itens de higiene pessoal. A temática vem ganhando a atenção da Organização das Nações Unidas (ONU) desde 2014, quando a entidade reconheceu publicamente a importância dos direitos das mulheres à uma higiene menstrual digna, que deve ser tratada como uma questão de saúde pública e de direitos humanos básicos (BOFF *et al.*, 2021; SOUSA, 2022).

OBJETIVO

Diante disto, o objetivo deste artigo é o de relatar a experiência de acadêmicas do curso de graduação em medicina ao interagir com mães solo de uma Organização Não Governamental (ONG) com diretrizes religiosas.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de acadêmicas do curso de graduação em Medicina no projeto de extensão “Ser Mulher”, de iniciativa de uma faculdade privada, este foi desenvolvido em duas ONG-’s.

Na fase inicial de preparação, antes das visitas, foram realizadas três reuniões na Faculdade com as orientadoras do Projeto para discussão de artigos sobre violência contra a mulher e pobreza menstrual. Além disso, apresentou-se e discutiu-se a estratégia de roda de conversa, utilizada nos encontros, cujo princípio é a horizontalização das relações de poder, retirando uma figura central de controle do diálogo, possibilitando a participação igualitária de todos os participantes. Nela ocorre a troca de experiências e saberes entre os participantes, de modo a ressignificar o sentido dos mesmos (SAMPAIO *et al.*, 2014). A partir desta orientação os encontros foram planejados. Foram três encontros às quintas-feiras à tarde, com duração de cerca de duas horas com intervalos entre os encontros de aproximadamente quinze dias.

Durante os encontros, buscou-se criar um vínculo por meio da humanização entre as extensionistas e as mulheres da casa, para abordar, a princípio, assuntos voltados à pobreza menstrual e violência contra a mulher em suas variadas formas. As extensionistas organizaram-se em dois subgrupos: um composto por sete acadêmicas que fariam visitas à primeira ONG e o outro composto por três que fariam as visitas a uma instituição com diretrizes religiosas, sendo esta última a experiência relatada neste artigo.

A partir disso, as participantes ficaram responsáveis por fazer o contato inicial com a ONG, para agendamento das ações e alinhamento dos objetivos do projeto com os valores e ideais da instituição. Em seguida, iniciou-se o período de planejamento dos encontros, com a definição dos temas a serem abordados e as dinâmicas a serem aplicadas. Os únicos materiais necessários para uso durante os encontros foram canetas coloridas, cartolina e papel.

No primeiro encontro foi realizada uma dinâmica de apresentação pessoal chamada “através do outro” e a construção de um cartaz com palavras que definissem a percepção das mulheres sobre o conceito “o que é ser mulher?”, seguido de roda de conversa. O segundo encontro realizou a dinâmica: “Mitos e Verdades” sobre o corpo feminino. As frases foram escritas em papéis e lidas sem identificação para discussão em roda de conversa. Por fim, foi realizado o encontro de fechamento das atividades. Neste último encontro houve uma dinâmica onde as mulheres preencheram fichas descrevendo as atividades e assuntos que mais gostaram e o que ainda gostariam de conversar em encontros futuros, caso houvesse continuidade do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro encontro teve duas etapas: apresentação das participantes e a introdução do conceito de “ser mulher”. Percebeu-se nesse processo que as mulheres que frequentam a casa são mães solo - única figura parental - sendo que muitas não recebem qualquer suporte dos genitores de seus filhos. Essa é uma realidade extremamente comum no Brasil, visto que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima cerca de 11 milhões de mães solo. Esse dado revela que muitas mulheres estão em um estado de divisão extrema entre o cuidado consigo mesmas e o cuidado com os filhos que, na maioria dos casos, resulta em descuido pessoal e uma dedicação intensa aos filhos e à casa.

Quando questionadas sobre o que consideravam “ser mulher”, muitas não souberam responder ou associaram a uma figura materna apenas após o incentivo e indução das acadêmicas, foi possível observar uma primeira reflexão sobre uma visão íntima de sua feminilidade, para além da maternidade. Notou-se que as mulheres participantes do encontro não se sentem em contato com seu corpo ou até mesmo com as próprias vontades, uma vez que muitas relataram que não conseguem tempo para se cuidar, pois antes disso, dividem a maior parte do tempo entre o cuidado com os filhos e a tentativa de manutenção de um emprego que garanta estabilidade.

Este primeiro encontro permitiu o início da construção de uma relação de confiança, essencial para a determinação de comportamentos (DUARTE, 2018). Por meio da conversa foi possível uma identificação de valores e de experiências para que um indivíduo possa tomar a decisão de confiar em alguém ou não (VALENTIM, 2007). Confiança esta que ajudaria na criação e manutenção de um vínculo, além de proporcionar uma melhor adesão às atividades propostas nos encontros (SCHIMITH, 2011).

O segundo encontro, realizado quinze dias após o primeiro, foi o que mais despertou interesse e entusiasmo nas mulheres. Foram preparadas algumas afirmativas sobre o corpo feminino e a feminilidade, comumente ditas na sociedade, para a discussão na roda de conversa. Todas participaram de forma efetiva na discussão entre “mito ou verdade” para cada afirmativa retirada de saco plástico decorado com papéis coloridos. A maioria das mulheres tinha conhecimento de conceitos importantes de cuidado, como as orientações corretas sobre higiene íntima, o tempo de uso de absorventes, malefícios do uso de roupas apertadas e do sabonete íntimo, mas poucas conheciam o termo da pobreza menstrual. Elas ficaram surpresas com o conceito, além de outros cuidados como contracepção e higiene após ato sexual, possíveis temáticas para futuras intervenções.

A seguir, puderam perguntar sobre seus corpos, demanda frequente nas conversas. As extensionistas usaram imagens da internet para elucidar o funcionamento dos órgãos femininos, dentre eles como ocorre a fecundação de um óvulo, dúvidas sobre a laqueadura tubária e outras questões fisiológicas como ciclo menstrual e contracepção. As mulheres estavam unidas pela gestação e maternidade, mas, mesmo assim, não conheciam os seus corpos, o que gerava desconforto e curiosidade. As extensionistas sentiram muito por perceber que esta oportunidade de troca de conhecimentos deveria ser mais precoce, auxiliando na promoção de saúde através do conhecimento, por exemplo, da necessidade do exame ginecológico para prevenção de doenças e rastreio de lesões malignas.

No terceiro e último encontro, realizado no mês de dezembro, cerca de um mês após o segundo encontro, foram entregues fichas às participantes que continham as seguintes perguntas: “o que vocês mais gostaram nos encontros” e “o que vocês ainda gostariam de conversar em encontros futuros”. As fichas foram respondidas, sorteadas e lidas aleatoriamente. Foi identificado que gostaram de saber mais sobre o corpo feminino, sobretudo a fisiologia hormonal e alterações fisiológicas da gravidez e do puerpério. Tal resultado evidencia o desconhecimento dessas mulheres sobre seu próprio corpo. A sexualidade foi menos abordada, devido às demandas das próprias supervisoras da ONG, por suas diretrizes religiosas. No entanto, foi pontuado para projetos futuros a possibilidade de novas abordagens nesse tema.

As brasileiras ainda têm conhecimento insatisfatório sobre anatomia e fisiologia do corpo feminino, independentemente de sua escolaridade. Esse alto nível de desinformação é provável reflexo da dificuldade de abordagem dos assuntos relativos ao organismo da mulher, tanto nas escolas quanto nos núcleos familiares (CARVACHO *et al.*, 2008) - o que, por sua vez, pode ser uma das causas da violência de gênero que há séculos está implantada e enraizada na sociedade.

O organismo feminino, culturalmente, sempre foi visto como um objeto que traduz os desejos sexuais masculinos, dessa forma, no passado existia um consenso de que as mulheres deviam ocultar ao máximo seus corpos, de modo a preservarem a discricção (FERNANDES, 2009). Em decorrência de tais crenças e princípios, o corpo feminino ainda é visto na atualidade como um tabu, o que impede muitas mulheres de buscarem um maior conhecimento.

Para futuros encontros, as participantes demonstraram interesse em aprender mais sobre estilo de vida saudável. A partir disso, o assunto foi introduzido pelo questionamento sobre o que as mulheres entendiam como o conceito de saúde. Grande parte das participantes conceituou a saúde como um equilíbrio entre mente e corpo, assemelhando-se à definição adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), onde “saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”, sendo que todo indivíduo vive condições de saúde/doença ao longo da vida e essas variações são decorrentes de suas condições de vida e a forma com a qual interage com elas (BRASIL, 1988).

Entretanto, uma preocupação levantada pelas participantes foi a de que adotar hábitos saudáveis consiste em um estilo de vida mais caro. Tal fato foi discutido e apontado como mito e as discentes de medicina argumentaram que é possível alimentar-se bem sem elevar os gastos familiares, assim como é possível fazer exercícios físicos sem custos adicionais com academias, tais como as caminhadas diárias.

Por fim, mencionaram a necessidade de combater o estresse. O corpo humano é capaz de manter seu equilíbrio diante de situações estressantes, entretanto, no caso de estímulos intensos, ele pode perder essa capacidade. Com isso, as reações cognitivas, emocionais e comportamentais podem causar impactos nos sistemas imunológico e neuroendócrino (CORTEZ, 2007). Diante de tais evidências, foi reforçado às participantes a importância de, mesmo diante de uma rotina corrida, separar um momento do dia para fazer algo que goste. Foram sugeridas atividades como leitura, meditação e atividade física.

CONCLUSÕES

A violência de gênero, com seu caráter multidimensional, ainda contribui na limitação de conhecimento para algumas mulheres sobre o seu corpo. Observa-se a necessidade de políticas de educação e de saúde para que as meninas e mulheres conheçam seus corpos e seus direitos. Neste cenário, a extensão teve importante papel, pois permitiu uma troca de conhecimentos horizontal e favoreceu a transformação, ainda que de caráter inicial, da realidade enfrentada pelas mulheres. As acadêmicas desenvolveram habilidades de comunicação,

planejamento, pesquisa e de condução de roda de conversa, permitindo um desenvolvimento acadêmico e pessoal diverso e intenso.

Para a organização de futuros grupos interventivos sugere-se como tema e abordagem os cuidados com a contracepção e higiene após o ato sexual, além da própria sexualidade, aspectos que surgiram de forma subliminar e indireta durante as intervenções realizadas por este Grupo de Extensão em Medicina.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às professoras orientadoras, à Faculdade Privada e todas as extensionistas pela oportunidade. Agradecemos também a Instituição Não Governamental e as mulheres que nos receberam de braços abertos para as atividades extensionistas.

REFERÊNCIAS

BARUFALDI, Laura Augusta; SOUTO, Rayone Moreira Costa Veloso; CORREIA, Renata Sakai de Barros; MONTENEGRO, Marli de Mesquita Silva; PINTO, Isabella Vitral; SILVA, Marta Maria Alves da; LIMA, Cheila Marina de. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n.9, p. 2929-2938, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/rWPMHqtbdRdjMJrG5CL5MzC/>. Acesso em: 31 Jan. 2023.

BOFF, Rogers Alexander; BRUM, Jaqueline Bilhalva Maicá; OLIVEIRA, Ananda Nasai Machado de; CABRAL, Sueli Maria. Pobreza menstrual e sofrimento social: a banalização da vulnerabilidade social das mulheres no Brasil. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, v. 25, n.3, p. 133-147, 2021. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/38546/1/PEC%20Dezembro%20de%202021-p%C3%A1ginas-134-148.pdf>. Acesso em: 31 Jan. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 Fev. 2023.

CARVACHO, Ingrid Espejo; PINTO E SILVA, João Luiz; MELLO, Maeve Brito de. Conhecimento de adolescentes grávidas sobre anatomia e fisiologia da reprodução. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 54, n. 1, p. 29-35, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/VWJ7BKCWd6ZyZfF4PZHSpJh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 Fev. 2023.

CORTES, Laura Ferreira; PADOIN, Stela Maris de Mello; VIEIRA, Letícia Becker; LANDERDAHL, Maria Celeste; ARBOIT, Jaqueline. Cuidar mulheres em situação de violência: empoderamento da enfermagem em busca de equidade de gênero. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 36, p. 77-84, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/RdKMYf8Q4yPJDvMybtjJWYj/?lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2023

CORTEZ, Célia Martins; SILVA, Dilson. Implicações do estresse sobre a saúde e a doença mental. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, v. 36, n.4, p. 96-108, 2007. Disponível em: <http://www.acm.org.br/acm/revista/pdf/artigos/527.pdf>. Acesso em: 08 Fev. 2023.

DUARTE, Inês Mafalda Correia. A saúde da confiança: estudo exploratório sobre a percepção da confiança nos prestadores de cuidados de saúde. 2018. Tese (Mestrado) - Curso de Comunicação Organizacional: Cidadania, Confiança e Responsabilidade Social. Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, 2018. Disponível em: https://comun.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23887/1/INES_DUARTE.pdf. Acesso em: 05 Mar. 2023.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n. 4, p. 1051-1065, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/XWVyyMwKjphVxxh3HT9crmf/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 06 Mar. 2023.

MOREIRA, Gracyelle Alves Remigio; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; CAVALCANTI, Ludmila Fontenele; SILVA, Raimunda Magalhães da; FEITOZA, Aline Rodrigues. Manifestações de violência institucional no contexto da atenção em saúde às mulheres em situação de violência sexual. *Saúde e Sociedade*, v. 29, n. 1, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/YHkQDt7KQRYzbbYVh3Nw7mc/?lang=pt>. Acesso em: 31 Jan. 2023

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 18, n.2, p. 1299-131, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/dGn6dRF4VHzHQJyXHNSZNND/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 08 Fev. 2023.

SCHIMITH, Maria Denise; SIMON, Bruna Sodré; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella; BUDÓ, Maria de Lourdes Denardin. Relações entre profissionais de saúde e usuários durante as práticas em saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 9, n. 3, p. 479-503, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/SnJzCkTdDnWXqRyd9gt8njB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 Mar. 2023.

SOUSA, Elayne Kelly Sepedro; MORAIS, Erica Jorgiana dos Santos de; ALMEIDA, Camila Aparecida Pinheiro Landim; SOUSA, Kayo Henrique Jardel Feitosa; CARVALHO, Herica Emilia Félix de; SOUSA, Bruna Sabrina de Almeida; AMORIM, Fernanda Cláudia Miranda; OLIVEIRA, Adélia Dalva da Silva. Manifestações da violência contra a mulher: revisão integrativa da literatura. *Salud & Sociedad*, v. 12, n. 1, p.1-15, 2022. Disponível em: <https://revistas.ucn.cl/index.php/saludysociedad/article/download/3455/4113/30487>. Acesso em: 31 Jan. 2023

SOUSA, Vitória Kelli Soares de. Pobreza menstrual no Brasil e os impactos no direito à educação das mulheres – uma violação de direitos humanos. 2022. Disponível em : <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/8504>. Acesso em : 31 Jan. 2023.

TROSINI, Gina. Measuring intimate partner violence and traumatic affect: development of VITA, an Italian scale. *Frontiers in psychology*, v. 9, p. 1282, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6070688/>. Acesso em: 31 Jan. 2023

VALENTIM, Igor Vinicius Lima; KRUEL, Alexandra Jochims. A importância da confiança interpessoal para a consolidação do Programa de Saúde da Família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 12, n. 3, p. 777-788, 2007. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v12n3/28.pdf. Acesso em: 05 Mar. 2023.

Submetido em: 17/03/2023 Aceito em: 20/06/2023.